

Bom senso

ECONOMIA - BRASIL

A divulgação de nota de apoio ao Brasil dos dezesseis grandes bancos estrangeiros que operam em território nacional constitui passo importante no restabelecimento da confiança no país. Depois de uma reunião de mais de três horas com o ministro Pedro Malan e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, os executivos das instituições financeiras afirmaram a intenção de manter o nível geral dos negócios, incluídas aí as linhas de comércio exterior.

É bom sinal. Há uma crise global de que o Brasil não está ausente. Ao contrário. País em desenvolvimento, sofre os abalos com mais intensidade que as nações centrais. A dependência de divisas externas torna-o vulnerável. A prometida manutenção de parte das linhas de crédito dará mais folga ao governo.

A maneira como o Brasil vem sendo tratado por agências que analisam o risco e pelas quais os bancos se deixam levar parece fora de eixo. As avaliações são excessivamente severas — para não dizer desmedidas.

A propósito, o presidente Fernando Henrique Cardoso falou, com acerto, em disfunção cognitiva. Quis dizer que a percepção da crise está sendo muito mais intensa que a realida-

de, o que leva a um círculo vicioso que se reflete no agravamento da crise.

É unanimidade o reconhecimento de que os fundamentos da economia brasileira são sólidos. Vale a lembrança. O real sofreu três ataques especulativos. O país não quebrou. Argentina, Equador, Uruguai, Turquia e tantos outros não resistiram aos abalos sísmicos do sistema financeiro. Tomaram com um único tiro.

Brasília tem dado mostras de que tem a economia pujante apesar das dificuldades de conjuntura. Os bancos tiveram o bom senso de confiar no país. Preferiram levar em conta fatores concretos demonstrados por Pedro Malan e Armínio Fraga a apostar no caos. Se o país quebrar, a economia mundial sofrerá abalo considerável que agravará ainda mais o quadro — já quase desesperador.

Felizmente prevaleceu o bom senso. Está sendo feita justiça à nona economia mundial. O Brasil está próximo de bater mais um recorde na safra de grãos em 2002. Eis um dado objetivo da realidade que o mercado financeiro não pode nem quis ignorar. Seria um paradoxo que uma supersafra convivesse com uma taxa de risco que indicasse quebra econômica. É incompatível a abundância de grãos com a falência do país.